



VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO: A SOLIDÃO NO COMPASSO DA PÓS-INDEPENDÊNCIA DE MOÇAMBIQUE

Bianca Basile Parracho¹
Cristina Arena Forli²

Resumo

Este trabalho analisa a solidão e sua relação com o período pós-independência em Moçambique. No romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, de Mia Couto, o personagem central, Bartolomeu Sozinho, vive uma solidão reflexiva e opcional, trazendo à tona o sentimento de desamparo presente no país recém-independente de Portugal. A obra se encaixa entre o que Pitcher (2002) nomeia de segunda e terceira fases da história de Moçambique. A segunda fase começando em 1975, indo até o início da década de 1980, período de pós-independência, quando o regime socialista passa a ser vigente. A terceira, entre 1980 e 1990, evidencia a transição para o multipartidarismo. Esse ambiente repleto de contradições traduz o momento em que Moçambique busca, ainda, sua identidade como nação. Diante das marcas que a luta pela independência e logo depois a guerra civil deixaram, o país enfrenta o desafio de entender e defender sua cultura. O desamparo do país é, portanto, mostrado por Mia Couto, por meio da língua do colonizador, refletido no desamparo de um povo e, em especial, de um homem que não consegue enfrentar o fim do regime que lhe proporcionou alegria e satisfação e se deixa levar por um sentimento de afastamento de si mesmo, de seu país e dos outros.

Palavras-chave: Solidão. Mia Couto. Pós-independência de Moçambique.

Introdução

Este estudo reflete acerca do sentimento de solidão e desamparo por que passaram e ainda passam os países africanos – em especial Moçambique - colonizados por Portugal, e como isso se mostra fortemente presente na sua literatura. Abordamos a solidão do personagem Bartolomeu Sozinho, do romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, de Mia Couto, e o que há de interseção nessas solidões – o desamparo do povo e de Bartolomeu Sozinho.

É preciso considerar que a independência foi alcançada por esses países somente na segunda metade do século XX, fato que marcou essas nações e desencadeou profundas contradições socioculturais. A influência do período colonial e pós-colonial foi tão marcante

¹ E-mail: bianca.basile@gmail.com; Instituição: Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Orientadora: Prof^a Dr^a Ligia Sávio.

² E-mail: crisforli@gmail.com; Instituição: Faculdade Porto-Alegrense (FAPA).

que se torna impossível pensar a literatura de Moçambique sem refletir a respeito dessas questões.

No âmbito da colonização, houve forte oposição entre as duas formas de ser e estar no mundo: a do colonizador e a do colonizado. Por ocasião das relações de poder essas posições não puderam ser associadas, tomando, então, uma configuração de conflito. Dessa forma, a independência seria um meio de romper com a cultura imposta e com tudo o que marcava a situação colonial, visando, assim, a uma busca pelo sentido de nacionalidade (CHAVES, 2005).

No que cabe à literatura moçambicana, Mia Couto usa a língua portuguesa como ferramenta nessa luta que pretende ser uma forma de resistência ao poder colonizador. Colocando em sua obra o cenário desolador de um país arrasado pela guerra civil, “Mia Couto deposita o seu grande projeto literário, o projeto da moçambicanidade, o desvendamento da identidade de um país esquecido de si devido aos mecanismos impostos pelo curso da História, pelo colonialismo, pela primeira e segunda guerras coloniais, a tentativa de despertá-lo do desatento abandono de si.” (TUTIKIAN, 2006, p. 60)

Para tornar possível a análise da solidão na obra do autor moçambicano, vamos considerar a crise identitária por que passa Moçambique, no que diz respeito ao que Fanon (*apud* BHABHA, 2007) chamou de mumificação da cultura. Segundo Fanon, dominar uma cultura viva é mumificá-la a ponto de, individualmente, o sujeito colonizado não mais poder reconhecer-se.

A crise de identidade nacional começa no momento em que termina oficialmente a dependência econômica e política do país africano, não preparado para libertação total, pois é a partir daí que viria a busca pela independência cultural, iniciando um lento e doloroso processo rumo à reconstrução dos novos signos do país, objetivando uma identidade própria.

Nesse sentido, Tutikian esclarece que

a identidade de uma nação passa a relacionar-se a uma série de elementos que vão da língua à tradição, passando pelos mitos, folclore, sistema de governo, sistema econômico, crença, arte, literatura, etc., passado e presente, mesmo e outro, não sendo, portanto, um fenômeno fixo e isolado. É a crise de identidade que termina colocando em risco as estruturas e os processos centrais das sociedades, abalando a velha estabilidade no mundo social (TUTIKIAN, 2006, p. 11-12).

Assim, entendemos que os elementos formadores da identidade fazem dela algo mutável, em constante processo de transformação. A sua base, porém, pede solidez, já que a cultura é uma forma de o povo se identificar diante de si mesmo.

A solidão em que vive Bartolomeu Sozinho, um dos personagens principais do romance em questão, será mostrada no que concerne à sua relação com o próprio regime colonialista. Africano e ex-mecânico de um navio colonial ele se mostra, com a libertação,

um negro preso por opção, não vendo mais razão alguma em viver. Trancado em seu quarto, Sozinho declara a falta que sente do passado, encontrando um (provável) sentido apenas em suas lembranças.

A palavra solidão é originada do latim *solus* que pode ter significação de desacompanhado, solitário, único. Psicologicamente, a solidão pode ser caracterizada pela “ausência afetiva do outro” e estar ligada ao sentimento de se estar só. Mesmo que haja aproximação física, não existe aproximação psicológica. E também pode consistir em estar só de fato, sem ter contato ou qualquer tipo de interação com outras pessoas (MOREIRA; CALLOU, 2006, p. 69). Em *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, o personagem Bartolomeu traduz a solidão de característica psicológica. Apesar de conviver com sua esposa e receber visitas frequentes do médico da vila, ele sente cansaço da própria vida.

Venenos de Deus

A fim de apreendermos a abrangência do período em questão, consideramos a discussão de Hall (2007) acerca do termo pós-colonial/pós-independência. A complexidade do processo de colonização/descolonização vai muito além da questão *tempo*, trazendo essa reflexão à tona, crucial para o entendimento das sociedades recém-independentes. Mesmo designando claramente algo que já terminou, o *pós-colonialismo*, ao contrário, implica continuidade nos problemas fixados no período colonial: dependência, subdesenvolvimento e marginalização.

É importante considerar este rompimento incompleto com os anos de colonialismo, uma vez que as consequências foram por demais enraizadas na estrutura da sociedade colonizada. A grande contradição aparece quando pensamos a respeito do quadro deixado pelos anos de colonização: a relação de superioridade e exploração se dava entre as sociedades colonizadoras e colonizadas. Após a libertação política, entretanto, o quadro não sofre alterações significativas, já que vemos instabilidade e disputa por poder dentro do país descolonizado. A permanência dessa estrutura de desigualdade contribui para o enfraquecimento e para a instabilidade da sociedade que já vem sofrendo com os impactos resultantes de mais de um século de opressão.

Publicado em 2008, o romance de Mia Couto traz um enredo que pode ser situado entre o que Pitcher denomina de segunda e terceira fases da história de Moçambique. A segunda, entre 1975 e início da década de 1980, é a da pós-independência, seguida do regime socialista. A terceira fase, de 1980 a 1990, caracteriza o momento de início da transição do socialismo para o capitalismo e a consequente implantação do multipartidarismo. Esse contexto pode ser percebido no seguinte fragmento:

E visitou-a de todas as vezes que o barco rumou para Lisboa até que, em Abril de 1974, ao sair de São Tomé, o navio recebeu a notícia da queda do

regime colonial português. Ficaram a espera de mais notícias, inventaram uma paragem por motivos “de ordem técnica”. [...]

- Estamos parados por causa de uma avaria, Entendem?

Não entendiam. Não havia avaria nenhuma. O que avariara tinha sido o regime dos poderosos. (COUTO, 2008, p. 130-131).

Após a independência, grande parte da mão de obra qualificada emigrou do país. Somado a esse fato, a população local também não estava preparada para assumir responsabilidades administrativas, já que a metrópole não incentivara qualquer tipo de organização interna que pudesse ser desfavorável ao regime colonial. Além disso, os colonialistas dificultavam o acesso dos moçambicanos ao poder. A violência e a desorganização geradas a partir desse quadro perduraram até a saída dos portugueses, provocando uma lacuna sócio-político-econômica que se tornaria um abismo entre a sociedade e a sua evolução.

Moçambique sofreu com a corrupção instalada no país principalmente após a implantação do regime socialista. Conforme o trecho sobre a conversa entre Sidónio e Suacelência o narrador acrescenta: “mas ele não sabe como reagir perante um universo feito de empresários sem empresa e de funcionários públicos que apenas desempenham funções privadas” (COUTO, 2008, p. 45). O país, que tanto aspirou à independência, não consegue manter o caráter igualitário por que lutara inicialmente. A figura de um agente local corrupto é frequentemente denunciada nas obras do autor moçambicano, desvendando que o sonho socialista também era dirigido por falsos marxistas.

Em seguida, a estrutura econômica desaba e a FRELIMO (Frente pela Libertação de Moçambique) não consegue sustentar o regime socialista pretendido. Ainda na década de 1970, a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), grupo anticomunista apoiado pelo governo sul-africano branco, passa a combater duramente a FRELIMO. Instalada a guerra civil, já na década de 1980, a fome toma conta do país e o caos, estabelecido a partir dessa situação, se espalha. A paz é alcançada somente a partir de 1990, ainda com dificuldades. A miséria e as doenças se alastraram por toda Moçambique. Mesmo lutando por sua reconstrução, a nação moçambicana ainda carece de identidade.

Remédios do Diabo

Na linguagem usada por Mia Couto aparecem outras questões que contribuem para a ambiguidade predominante na sociedade moçambicana. A opção de manter o português – língua do colonizador – e também de buscar na oralidade das línguas africanas uma originalidade que mantém o povo agarrado às suas raízes promove uma integração da cultura nativa com a língua oficial do país.

Bartolomeu nos mostra mais uma contradição no que cabe a influência da Língua Portuguesa como oficial desse país e a relação de poder que ela exerce sobre povo. Em um diálogo, o médico diz uma expressão na língua chisena: “- Ini nkabe dzitua. – Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles? – Deles? Afinal, já não é a sua língua? – Não sei, eu já nem sei...” (COUTO, 2008, p. 110). A partir desse excerto, fica evidenciada a crise identitária que o personagem atravessa, representando essa população que já não sabia mais qual era a sua maneira de ser e estar no mundo e qual era a do colonizador. Claramente evidenciando a predominância do colonizador, esse trecho provoca uma reflexão: é possível o branqueamento pela língua? Segundo Bartolomeu, sim: “Eu estou é a ficar branco de língua, deve ser porque só falo português...” (COUTO, 2008, p. 11).

Até que ponto manter a língua do colonizador permite a concretização da liberdade? A ruptura drástica em relação a tudo o que ligava Moçambique a metrópole não aconteceu. De acordo com Leite (1998), a questão da linguagem é, em si, dúbia. Não é possível excluir o que concerne à língua do colonizador, pois é ela quem caracteriza a coesão nacional nesses países pluriétnicos, ou seja, é a partir da língua que percebemos uma união nacional. Considerar apenas o âmbito oral das línguas africanas pré-coloniais é deixar de lado as transformações perpassadas pelos países colonizados e a heterogeneidade que os caracteriza. É importante manter a questão linguística abarcando os dois pontos de interseção – a questão da língua oral como uma ligação autóctone com as raízes africanas é imprescindível, assim como o português que se mantém em função de uma complexa história de colonização.

No compasso da solidão

A crise de identidade desencadeada no povo moçambicano gerou um sentimento de desamparo e de não lugar, pois eles tiveram o curso natural de sua cultura interrompido, em função da tensão que permeava o desenvolvimento dos dois universos em questão: colonizador e colonizado. O caráter solitário ilustrado no personagem Bartolomeu reflete a ambiguidade desse momento histórico.

Bartolomeu Sozinho, de nome e de vida, traz em suas memórias saudade dos tempos do colonialismo. Desde jovem sonha embarcar em um navio que o leve para longe de si mesmo. Quando o navio Infante Dom Henrique ancora perto de sua casa seu desejo se intensifica. Então, um dos mecânicos oficiais se machuca e Bartolomeu é chamado para substituí-lo. Sendo assim:

Durante uma dezena de anos, Bartolomeu Sozinho servira como mecânico na casa de máquinas do transatlântico, atravessando mares no fundo de um porão tão escuro como o seu actual quarto. Tinha sido o único negro a fazer parte da tripulação e disso muito se orgulhava. Depois tudo terminou, o

regime colonial se afundou, o navio encalhou, virou sucata e estava, um pouco como ele mesmo, à espera de ser abatido (COUTO, 2008, p. 14).

A posição ocupada pelo personagem o fazia sentir importante, pois ele era o único negro da tripulação, condição que também dá razão a sua existência, repleta de desesperança e cansaço. Tendo desistido de sair do quarto para sempre, Bartolomeu pede ao médico um remédio que o faça parar de sonhar. “- Cure-me de sonhar, Doutor. [...] - Um sonhadeiro anda por aí, por lonjuras e aventuras, sei lá fazendo o quê e com quem... não haverá um remédio que me anule o sonho.” (COUTO, 2008, p. 16-17).

Dois personagens que acompanham a condição de solidão em que vive Bartolomeu são sua esposa, Dona Munda, e Sidónio Rosa, médico português. Ela, ao mesmo tempo em que diz desejar a morte do marido, dorme à porta do quarto dele pronta para ouvir qualquer suspiro a mais. Munda pede ao médico que dê um remédio ao marido para que morra, pois é ela quem sofre suas dores. “No fundo o marido já havia falecido, o remédio era só para ele, Bartolomeu, se lembrar que estava morto” (p. 36). Dona Munda também é sozinha, sua “filha”³, Deolinda, cujo paradeiro é misterioso, supostamente está em outro país realizando um estágio.

Sidónio Rosa conheceu Deolinda em um congresso na Europa e havia se apaixonado. Ele viaja a Moçambique em busca da moça. Não a encontrando, passa a frequentar diariamente a casa dos pais de Deolinda. Com o intento de se aproximar da família, Sidónio, além de atender os doentes da Vila, dedica grande parte do seu tempo a Bartolomeu e suas “filosofias”.

O personagem sofre doente, trancafiado no quarto. Sua relação com as lembranças é estreita. Em um diálogo com o médico ele afirma: “- Não é o coração que ainda me prende. A minha âncora é outra. - Aposto que é o sonho. - É a lembrança. Minha esposa ainda se lembra de mim. É o esquecimento e não a morte que nos faz ficar fora da vida.” (COUTO, 2008, p. 25). São as lembranças que o mantém vivo: o fato de sua esposa ainda lembrar dele e as recordações que tem ligadas ao regime colonial e a tudo que ele viveu durante esse período. Ele não gosta de ser visto no estado em que se encontra e como companhia mantém as ferramentas de trabalho espalhadas pelo chão também com a esperança de ser chamado novamente para trabalhar. “As ferramentas estão espalhadas pelo soalho. Ele recusa arrumá-las na devida caixa. - Fazem-me companhia – justifica assim a desordem. Dona Munda tem outra explicação para aquele caos: o marido ainda acredita poder ser chamado de emergência.” (COUTO, 2008, p.16). Recordando a vida levada durante o colonialismo, a solidão é uma maneira de preencher o vazio deixado pelo fim do governo a ponto de nunca deixar morrer a esperança de voltar ao seu posto.

³ Não fica claro na obra se a personagem é realmente sua filha ou não.

Negro, Bartolomeu carrega uma contradição: defende o colonialismo. Mais por alienação que por motivos políticos, ele ostenta o cargo que o mantivera feliz por anos e mostra com orgulho um pouco do que viveu: “Vai à gaveta do armário, desenrola a bandeira da Companhia Colonial e leva para a janela. Hasteia o pano verde e branco na antena da televisão e, depois, recua uns passos a usufruir da visão da bandeira drapejando.” Se referindo a Suacelência, administrador atual de Vila Cacimba, ele continua: “– *Ele tem o seu reino, eu tenho o meu*. Aquela casa era a sua nação. As dimensões dessa nação não cabiam em mapa métrico. Todos sabem: a casa só é nossa quando é maior que o mundo. Mas, agora, à sombra daquela bandeira, a soberania de Bartolomeu cobria a casa e o mundo.” (COUTO, 2008, p. 50).

Em outro momento da narrativa, é possível perceber mais uma inversão de situações. Num momento em que o país se encontrava liberto do regime colonial e, portanto, livre para buscar e expressar sua cultura, dando assim valor a sua nação, Bartolomeu afirma aos berros:

- Acabou-se a merda da liberdade! Acabou-se a puta da nação!

Aqueles afrontosos gritos roucos ainda ecoaram por um tempo pelas nebulosas ruelas, fazendo estremecer o pequeno sossego da Vila. Todos sabiam quem iria levar a peito aquele ultraje, mas ninguém sabia exactamente a que nação e liberdade o velho Bartolomeu se referia. Talvez a ofendida nação fosse o pequeno quarto onde ele se havia enclausurado. E a amaldiçoada liberdade fosse a possibilidade de visitar o passado e voltar a viajar em falecidos navios coloniais (COUTO, 2008, p.95).

O não conformismo de Bartolomeu com o regime político atual reafirma a ligação que traçamos neste trabalho. A liberdade acabara para ele, pois as viagens o levavam para longe da terra, dos demais e de si. A metáfora do colonialismo pode, portanto, ser entendida como o amparo, apesar de opressor, que a nação tinha e perdeu após a independência.

A crise de identidade tem mais um fator agravante. Quando as potências europeias dividiram o Continente Africano não fizeram a determinação das áreas conforme as semelhanças/diferenças étnicas e culturais dos povos, mas sim pela extensão geográfica de cada localização (MIRANDA, 2009). Por mais esse aspecto, a identidade do povo em questão, portanto, não poderia ser uma, já que sofreu influência de tantos outros povos, e fundiu-se também à cultura do colonizador a ponto de não mais reconhecer-se. Para tanto, temos esse trecho em que o narrador se refere aos habitantes da Vila Cacimba: “Poucos e desamparados, partilhando secretas cumplicidades e sofrendo de um mesmo sentimento de orfandade. A cultura que os criou está longe, noutra tempo, noutra universo. A mentira é o único remédio que lhes resta contra essa solitária lonjura.” (COUTO, 2008, p. 147-148).

Considerações finais

Além de trabalhar a linguagem do colonizador e misturá-la a elementos locais, em especial oriundos da oralidade, Mia Couto desenha o cenário histórico-crítico da pós-independência como pano de fundo da obra. Ciente do processo de reencontro do sentido de nação há tempos desconstruído pela complexa trajetória de descolonização, o autor traz para o enredo de *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, um homem repleto de contradições e anseios: Bartolomeu Sozinho é africano e passou a vida colonizado, a bordo de um navio que, para ele, dava sentido à sua vida. Paralelamente, Moçambique, país marcado por anos de um domínio que escondeu suas raízes, teve em seu período pós-independência uma continuidade da opressão. Há, na liberdade, algo que a torne genuína? A forma como se deu a independência do país africano faz refletirmos o conceito de liberdade de que desfrutam hoje esses países reféns de descolonização tardia. Qual o antídoto para o veneno deixado pela colonização? Não basta pensar no discurso do colonizado quando este carrega um caráter vitimizado. Fizemos referência à corrupção que tomou conta de Moçambique ao fim do processo de independência – houve quem lutasse por poder antes mesmo de lutar pelo próprio povo. Sentindo-se enganados e à espera de uma independência que não chegara de fato, a nação, fraturada pelas inúmeras crises e guerras, caminha a procura de nova direção, assim como sugere o final da obra.

O romance tem como fechamento a aparição de uma misteriosa mulher dizendo que vai plantar beijos-da-mulata, as flores do esquecimento, no cemitério e por toda a Vila Cacimba. Essa ação sugere a representação do que pode estar por vir, de um novo tempo a ser construído pelos moçambicanos, agora livres para expressar e buscar sua identidade nacional.

“É a hora!”⁴

Referências

- BHABHA, Homi K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: Experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- COUTO, Mia. Venenos de Deus, Remédio do Diabo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- LEITE, Ana Mafalda. Oralidades & Escritas nas Literaturas Africanas. Lisboa: Colibri, 1998.
- MIRANDA, Maria Geralda de. Literaturas Angolana e Moçambicana: espelho da resistência e da disposição de construir um novo tempo. Disponível em:

⁴ PESSOA, Fernando. *Mensagem*: Obra poética I. LPM: Porto Alegre, 2006.

<http://www.unisuam.edu.br/augustus/pdfz/rev_augustus_ed%2027_05.pdf> Acesso em: 22 out. 2010.

MOREIRA, Virginia; CALLOU, Virginia. Fenomenologia da Solidão na Depressão. In.: Mental-ano IV- n. 7 - Barbacena - nov. 2006 - p. 67-83 Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/420/42000705.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2010.

PITCHER, M. Anne. Transforming Mozambique: The Politics of Privatization, 1975-2000. *African Studies*. UK: University of Cambridge.

TUTIKIAN, Jane. Velhas Identidades Novas: O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2006.